

Friedrich Dürrenmatt

A Pane

exiladolivros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Sinopse

Novela de 1956 do escritor suíço Friedrich Dürrenmatt, *Die Panne* (A pane) conta a história de um viajante cujo carro quebra ao passar por uma aldeia. É convidado para o jantar de um juiz aposentado e seus alegres companheiros, tudo muito divertido até que começa um pesadelo para Alfredo Traps.

A obra, inicialmente escrita como peça radiofônica, foi logo adaptada em prosa. Ganhou o Prêmio dos Veteranos de Guerra para melhor peça de rádio de 1956 e o prêmio literário Tribune de Lausanne.

Parte 1



Existem ainda, histórias possíveis, historias para escritores? Se alguém não quiser narrar sobre si mesmo, generalizar seu eu de maneira romântica, lírica, se não sentir a obrigação de falar de suas esperanças e derrotas, com total veracidade, de falar do seu modo de deitar-se com mulheres, como se a veracidade transpusesse tudo isso para o âmbito geral, e não para o plano da Medicina, da Psicologia na melhor das hipóteses..., se alguém não quisesse fazer isso, mas antes recuar discreto, educadamente preservando a esfera privada, tendo a trama diante de si como um escultor tem seu material, e nela trabalhar, nela se desenvolver, e como uma espécie de artista clássico tentar não se desesperar de imediato, ainda que seja inegável o puro absurdo que por todos os lados se revela, então o ato de escrever torna-se mais difícil e solitário, mais sem sentido também. Uma boa nota na História da Literatura não interessa — afinal, quem é que já não ganhou uma boa nota, que embustes já não foram premiados com distinção? —, as exigências do momento são mais importantes.

No entanto, também aqui nos vemos diante de um dilema e uma situação ruim no mercado. A vida oferece puro e simples entretenimento: à noite, o cinema; no jornal diário, a poesia, bem ou mal. Por um pouco mais — num gesto de generosidade social, já a partir de um franco suíço — exige-se a alma, confissões, veracidade mesmo; deve-se veicular valores elevados, lições de moral, sentenças úteis, alguma coisa deve ser superada ou afirmada, ora o Cristianismo, ora o desespero corrente — literatura enfim.

Porém, e se o autor se recusar a produzir tal coisa? E se, cada vez mais decidido e obstinado, certo de que a razão para sua escrita esta nele mesmo, em seu consciente ou inconsciente, dependendo, de caso a caso, de uma dose de sua crença ou de sua duvida, mas julgando também que justamente isso já não diga respeito ao publico, sendo suficiente o que escreve, configura, forma, bastando mostrar a superfície o que escreve, e só ela, de modo apetitoso, trabalhando-se somente nela, de resto seria o caso de calar a boca, sem comentários nem conversa fiada? Tendo descoberto tal coisa, ele há de gaguejar, hesitar, ficar perplexo. Isso será praticamente inevitável.

Cresce o pressentimento de que não há mais nada para narrar, considera-se seriamente a possibilidade de renunciar. Talvez ainda sejam possíveis algumas frases; pois, caso contrário, é uma guinada rumo à Biologia, para pelo menos em pensamento dar conta da explosão da humanidade, de seu avanço para a casa dos bilhões, dos úteros produzindo sem parar; ou rumo a Física. Á Astronomia, e por uma questão de ordem prestar contas a si mesmo sobre a armação na qual balançamos. O resto fica para a revista de variedades, para a Life, a Match, a Quick e a Sie und Er: o presidente na tenda de oxigênio, tio Bulganin em seu jardim, a princesa com seu prodigioso comandante de voo, personalidades do cinema e rostos-dólares, peças substituíveis, já fora da moda, quase não se fala mais nelas. Paralelamente, o cotidiano de uma pessoa qualquer; em meu caso, europeu ocidental — suíço, para ser mais exato —, tempo ruim e panorama econômico bom, preocupações e tormentos, abalos por acontecimentos privados, só que sem ligação com o todo mundo, com o decorrer dos acertos e desacertos, com o desenrolar das necessidades.

O destino abandonou o palco no qual encenando para ficar a espreita nos bastidores, fora da dramaturgia vigente; no primeiro plano tudo se transforma em acidente: as doenças, as crises. Mesmo a guerra se torna dependente de os cérebros eletrônicos poderem ou não prever sua rentabilidade. Porem, isso nunca acontecerá: sabe-se que, se as maquinas calculadoras funcionarem, somente as derrotas serão matematicamente prováveis; ai de nós, se ocorrerem fraudes, intervenções proibidas nos cérebros artificiais. Mas mesmo isso é menos constrangedor que a possibilidade de que um parafuso se afrouxe, um fuso saia do curso normal, um botão reaja errado, o fim do mundo causado por um curto-circuito técnico, uma conexão malfeita. Assim, nenhum deus mais nos ameaça, nenhuma justiça, nenhum destino como na “Quinta Sinfonia”, e sim acidentes de transito, rupturas de diques em virtude de falha de construção, a explosão de uma fabrica de bombas atômicas provocada por um funcionário de laboratório distraído, chocadeiras mal-instaladas. É a esse mundo de panes que leva nosso caminho, de cuja margem poeirenta, além de reclames para calçados Bally,

automóveis Studebaker, ou sorvetes, e lápides em memória dos acidentados, resultam ainda algumas histórias possíveis. A humanidade olhando a partir de uma cara comum, o azar sem querer se generalizando, julgamento e justiça tornando-se visíveis, talvez a te a piedade, captada por acaso, refletida pelo monóculo de um embriagado.

Parte 2



Um acidente, sem gravidade até, mas em todo caso uma pane: Alfredo Traps, para chamá-lo pelo nome, que trabalhava no setor têxtil, quarenta e cinco anos, longe de ser gordo, de aparência agradável, modos satisfatórios, embora deixando notar um certo adestramento, deixando transparecer algo de primitivo, de mascate, este nosso contemporâneo acabara de se deslocar com seu Studebaker por uma das grandes estradas do país e já esperava chegar em uma hora ao local onde residia, numa cidade maior, quando o automóvel falhou.

Simplesmente não andou mais. Lá ficou, impotente, com a máquina vermelha parada ao sopé de um pequeno morro, em torno do qual seguia a estrada ondulando. Ao norte formaram-se cúmulos-nimbos, e a oeste o sol seguia alto, quase no meio da tarde.

Traps fumou um cigarro e fez então o necessário. O mecânico que enfim rebocou o Studebaker declarou não poder reparar a avaria antes da manhã seguinte, defeito na transmissão de gasolina. Se dizia mesmo a verdade, não era possível descobrir, nem aconselhável tentar; fica-se à mercê de mecânicos como outrora se ficava nas mãos dos salteadores ou, antes ainda, dos deuses locais e entidades maléficas. Sem ânimo para percorrer o caminho de meia hora até a estação mais próxima e empreender viagem de volta para casa, um tanto complicada embora curta, de voltar para a esposa, seus quatro filhos, todos meninos, Traps decidiu pernoitar. Eram seis da tarde, fazia muito calor, o dia mais longo do ano se aproximando, o povoado em cuja margem ficava a oficina,

simpático, espalhado contra morros cobertos pela mata, com uma pequena elevação e sua igreja, casa paroquial, em um velhíssimo carvalho provido de anéis de ferro e estacas de apoio, tudo decente e bem-feito, até mesmo os montes de esterco em frente às casas dos camponeses cuidadosamente empilhados e bem arrumados. Também havia uma fabriquinha pelas redondezas, e vários botequins e estalagens rurais que Traps já ouvira diversas vezes elogiarem; mas todos os quartos estavam reservados, um congresso de Proprietários de Pequenos Animais de Criação exigira para si todas as camas, e o caixeiro-viajante foi encaminhado a uma mansão onde diziam que vez por outra recebiam pessoas. Traps hesitou. Ainda era possível voltar para casa de trem. Mas, a esperança de viver alguma aventura o atraiu; às vezes havia garotas nos povoados, como recentemente em Groisbiestringen, que os caixeiros-viajantes do ramo têxtil sabiam apreciar. Refeito, ele tomou, afinal, o caminho que levava a mansão. Da igreja vinha o badalar dos sinos. Vacas trotavam em direção a ele, mugiam. A casa de campo, assobradada, ficava em meio a um jardim bem amplo, persianas verdes, cobertas até a metade por arbustos, faias e pinheiros; em direção à rua, flores, sobretudo rosas, um homenzinho de idade avançada com avental de couro amarrado, provavelmente o dono da casa executando pequenos trabalhos de jardinagem.

Traps apresentou-se e pediu alojamento.

— Qual sua profissão? — perguntou o velho, que chegara à cerca, fumando um Brissago e pouca coisa mais alto que o portão do jardim.

— Trabalho no ramo têxtil.

O velho examinou Traps atentamente, olhando por cima dos óculos sem aro à maneira de um hipermetrope.

— Claro, aqui o cavalheiro pode pernoitar.

Traps quis saber o preço. O velho declarou que não costumava cobrar nada por aquilo, que vivia só, seu filho estava nos Estados Unidos, uma governanta era quem cuidava dele, mademoiselle Simone. Então ele se alegrava de poder abrigar um hóspede de tempos em tempos.

O caixeiro-viajante de tecidos agradeceu. Estava tocado pela hospitalidade e observou que os usos e costumes das gerações passadas ainda não haviam perecido.

O portão do jardim foi aberto. Traps olhou em torno de si. Caminhos de cascalho, grama, grandes porções de sombra, pontos bem ensolarados.

Estava aguardando alguns senhores aquela noite, explicou-lhe o velho quando chegaram às flores e pôs-se a aparar cuidadosamente o roseiral.

Viriam amigos que moravam na vizinhança, alguns do povoado, outros de mais longe, dos lados do morro, aposentados como ele próprio, atraídos pelo

clima ameno e porque ali não se sentiam os efeitos do Föhn*, todos solitários, viúvos, ávidos por algo novo, fresco, vívido, de tal modo que era um prazer para ele poder convidar o senhor Traps para o jantar e a tertúlia que viria em seguida.

O caixeiro-viajante deteve-se atônito. Ele na verdade quisera comer no povoado, na tão conhecida estalagem rural; só que não ousou recusar o convite. Sentiu-se comprometido. Aceitara o convite para pernoitar gratuitamente, não queria parecer um homem mal-educado da cidade.

Assim tentou demonstrar contentamento. O dono da casa conduziu-o ao andar de cima.

Um quarto agradável. Lavatório com água corrente, uma cama larga, mesa, poltrona confortável, uma banqueta encostada à parede, velhos volumes com capa de couro na prateleira de livros. O caixeiro-viajante abriu sua malinha, lavou-se, barbeou-se, envolveu-se numa nuvem de água de colônia, foi à janela, acendeu um cigarro.

O sol era um grande disco a escorregar morro abaixo, brilhando sobre as faias. Ele deu uma passada de olhos sobre os negócios feitos no dia, a pedido da Rotacher S.A., nada mau, as dificuldades com o senhor Wildholz, ele queria cinco por cento, rapaz, rapaz, ele ainda o arruinaria.

E então surgiram lembranças. Coisas cotidianas, desconexas, um adultério planejado no Hotel Touring, se devia mesmo comprar um trenzinho elétrico para o filho mais novo (o que ele mais amava); por educação, na verdade por obrigação, ligar para a esposa dando noticia de sua permanência forçada naquele lugar. Porém, deixou isso de lado. Como já era bem de costume. Ela estava habituada com aquilo e de todo modo não acreditaria mesmo nele. Ele bocejou e permitiu-se fumar mais um cigarro. Ficou observando como vinham marchando pelo caminho de cascalho três cavalheiros de idade, dois deles abraçados, mais atrás um gordo, careca. Cumprimentos em voz alta, cumprimentos de mão, abraços, conversas sobre rosas.

Traps recuou da janela, foi à prateleira de livros. Pelos títulos, poderia esperar uma noite entediante: Hotzendorf, *O homicídio e a pena de morte*, Savigny, *Sistema do direito romano nos dias de hoje*, Ernest David Hölle, *A prática do interrogatório.*

O caixeiro-viajante viu claramente: o senhor que o hospedava era jurista, provavelmente um ex-advogado. Começou a preparar o espírito para discussões complicadas — o que é que um homem tão estudado entendia de vida real? As leis eram bem a prova disso. Também dava para temer que viessem a falar de arte ou coisa semelhante, aí ele facilmente passaria vergonha. Enfim, se não havia de estar no meio de uma batalha comercial, estaria a par das coisas de nível mais elevado.

Assim, desceu ele afinal, sem vontade, para a varanda aberta e ainda iluminada pelo sol, onde os outros haviam se instalado, enquanto a governanta, uma figura robusta, cobria a mesa da sala de jantar ali ao lado. Mas ele estacou ao ver o grupo que o aguardava. Alegrou-se de ter sido o dono da casa o primeiro a vir em sua direção, agora quase emperiquitado, os escassos cabelos cuidadosamente escovados, vestindo um casacão longo demais: Traps foi recebido com boas-vindas. Com um breve discurso.

Assim pôde esconder sua admiração, murmurou que aquilo o enchia de alegria, fez um movimento frio e distante de reverência, fez-se de grande especialista em tecidos e pensou, melancólico, que ficara afinal naquele povoado para arranjar alguma garota.

Plano fracassado.

Via-se diante de três anciãos, que não ficavam nada atrás do tipo esquisitão, o dono da casa. Como imensos corvos, eles enchiam aquele espaço de verão com os móveis de vime e cortinas bem arejadas. Eram vetustos, enxovalhados e desleixados, ainda que seus casacões mostrassem ser da melhor qualidade, como ele logo constatara. Isso se não olhasse para o careca (Pilet era seu nome, 77 anos de idade, informou o dono da casa na sessão de apresento-este-apresento-aquele, que então se iniciava) sentado todo rijo e cheio de dignidade num escabelo altamente desconfortável, embora até houvesse outras cadeiras bem mais aconchegantes pelos lados, arrumado de maneira galante em excesso, um cravo branco numa casa de botão e permanentemente alisando seu vasto bigode tingido de preto. Era um aposentado, como se podia ver, talvez um ex-sacristão ou limpador de chaminés que tivesse enriquecido num caso de muita sorte; ou até podia ter sido um maquinista. Mais amarfanhados estavam, por sua vez, os outros dois. Um deles (senhor Kummer, 82 anos), ainda mais gordo que Pilet, imenso, como se fosse feito de gomos de banha, estava sentado numa cadeira de balanço, o rosto muito vermelho, um enorme nariz de beberrão, joviais olhos arregalados por trás de seu pincenê e, para completar, via-se que, por distração, vestia uma camisa de pijama sob o terno preto e tinha bolsos lotados de jornais e papéis. Já o outro (senhor Zorn, 86 anos), comprido e muito magro, um monóculo encaixado no olho esquerdo, cicatrizes no rosto, nariz adunco, uma juba grisalha, a boca murcha, uma aparência antiquada enfim, abotoara errado o colete e usava meias de cores diferentes.

— Campari? — perguntou o dono da casa.

— Sim, sim, por favor — respondeu Traps, e acomodou-se numa poltrona, enquanto o comprido magricela o olhava interessado através do monóculo:

— O senhor Traps vai participar de nosso joguinho, não vai?

— Mas é claro! Jogos me divertem.

Os velhos senhores sorriram, balançando a cabeça.

— Nosso jogo é um tanto singular, talvez — informou o anfitrião cautelosamente, quase hesitando, para que se pensasse bem. — Passamos a noite encenando nossas velhas profissões.

Os anciãos sorriram de novo, educadamente, discretos.

Traps admirou-se. Como deveria entender aquilo?-

Ora — precisou o anfitrião —, no passado eu fui juiz, o senhor Zorn foi promotor público; e o senhor Kummer, advogado; então nós encenamos um tribunal.-

— Oh, sim — compreendeu Traps e achou a ideia aceitável. Talvez à noite nem estivesse mesmo perdida.

O anfitrião encarou o caixeiro-viajante de modo festivo. De modo geral, comentou ele com voz suave, tratavam dos processos que haviam se celebrizado na História, o Processo Sócrates, o Processo Jesus, o Processo Joana D'Arc, o Processo Dreyfus, mais recentemente o incêndio do Reichstag, sede do parlamento alemão, e certa vez até Frederico, o Grande teria sido declarado inimputável.

Traps espantou-se.-

— E isso vocês encenam toda noite?

O juiz fez que sim. Mas claro que o melhor, continuou explicando, era quando podiam encenar sobre material vivo, o que com frequência resultava em situações particularmente interessantes; ainda dois dias antes, por exemplo, um parlamentar que havia feito discurso eleitoral no povoado e perdera o ultimo trem fora condenado a catorze anos de reclusão por chantagem e corrupção.

— Um tribunal severo — concluiu Traps animado.

— Questão de honra — declararam os anciãos radiantes.

E que papel deveria ele assumir?

Novos sorrisos, quase risadas.

O juiz, o promotor e o defensor eles já possuíam, eram ademais postos que pressupunham o conhecimento da matéria e das regras do jogo, explicou o anfitrião; só o posto de um réu estaria vago, mas claro que o senhor Traps não era obrigado, de modo algum, a participar do jogo, isso ele queria mais uma vez enfatizar.

O propósito dos velhos senhores animou o caixeiro-viajante de tecidos.

À noite esta salva. Não cairia em erudição nem seria entediante, prometia tornar-se divertida. Ele era um homem simples, sem grande capacidade intelectual e inclinação para aquela atividade, um homem do ramo comercial, calejado, era inevitável, ele que no seu ramo entrava de cabeça, que gostava de comer e beber bem e sentia uma queda por diversões fortes. Disse que sim,

participaria do jogo, seria uma honra ele assumir o posto de réu que ficara vago.

— Bravo! — gralhou o promotor e bateu palmas. — Bravo!

— Um ponto importante — respondeu o promotor publico, enquanto limpava seu monóculo. — Um crime é algo que sempre pode se achar.

Todos riram.

O senhor Kummer levantou-se.

— Venha, Sr. Traps — disse num tom quase paternal. — Afinal, ainda queremos provar o vinho do Porto que resta por aqui; é envelhecido, o senhor tem que conhecê-lo.

Conduziu o senhor Traps até a sala de jantar. A grande mesa redonda estava agora posta como que para uma grande festa. Cadeiras antigas com espaldar alto, quadros escuros nas paredes, fora de moda, tudo bem maciço, da varanda vinha à conversa despreocupada dos anciãos, através das janelas abertas cintilava o brilho da noite, chegava o trinado dos pássaros, e sob uma mesinha havia garrafas, outras ainda sobre a lareira, os Bordeaux acondicionados em cestinhas. O advogado de defesa despejou em duas pequenas taças, cuidadosamente e um tanto trêmulo, o vinho do Porto de uma velha garrafa; encheu-as até a borda, fez um brinde à saúde do caixeiro-viajante, com muito cuidado, quase não deixando que se tocassem as duas taças com o precioso liquido.

Traps provou-o. “Magnífico!”, elogiou.

— Sou seu advogado de defesa, senhor Traps — disse o senhor Kummer. — Então, que se brinde entre nós “A uma boa amizade”.

— A uma boa amizade!

O melhor a fazer, explicou o advogado, e com o rosto vermelho, o nariz de beberrão e seu pincenê chegou mais perto de Traps, de modo que sua barriga imensa o tocou, uma massa mole e desagradável, o melhor era que o cavalheiro lhe confiasse logo que crime havia cometido. Só assim ele podia garantir sucesso no tribunal. Se a situação não oferecia perigo, por outro lado não se podia menosprezar o fato de que o comprido e magricela, o promotor publico, ainda em posse de suas faculdades intelectuais, era alguém terrível; e, além disso, o anfitrião infelizmente tendia para o rigor e talvez até mesmo para a afetação, o que com a idade — ele tinha 87 anos — devia ter se intensificado. De todo modo, porém, este advogado de defesa lograra vencer a maioria dos casos, ou pelo menos havia evitado que acontecesse o pior. Só uma vez, num caso de latrocínio, não lhe fora possível, de fato, salvar nada.

Mas um latrocínio não era o que estava em questão ali, pelo menos que ele podia supor do Sr. Traps — ou era?

Infelizmente não cometera crime nenhum, riu o caixeiro-viajante. E brindou: “Saúde!”.

— Confesse-o a mim — encorajou-o o advogado de defesa. — O senhor não precisa se envergonhar. Conheço a vida, já não me admiro com mais nada. Destinos e destinos já passaram por mim, precipícios se abriram, o senhor pode acreditar em mim.

Era pena, sorriu satisfeito o caixeiro-viajante de tecidos. De fato, ele era um réu que ali estava sem crime, e de resto era assunto para o promotor público criar um para ele; aquele mesmo assim dissera e agora era de esperar que cumprisse a palavra. Jogo era jogo. Ele estava curioso para saber o que sairia dali. Havia um interrogatório de verdade?

— É exatamente isso que eu quero dizer!

— Pois já estou ansioso por ele.

O defensor estampou uma fisionomia de preocupação.

— Sente-se inocente, Sr. Traps?

O caixeiro-viajante riu — "Totalmente" —, e a conversa lhe pareceu muito divertida.

O advogado de defesa limpou seu pincenê.

— Tome nota, jovem amigo, inocência ou não, o que decide é a tática! Querer declarar-se inocente perante nosso tribunal é arriscar o pescoço, para dizer o mínimo; pelo contrário, o mais inteligente a fazer é ir logo se culpando por um crime. Para gente do comercio, por exemplo, é bem vantajoso o crime de fraude. Aí sempre se pode concluir, no interrogatório, que o acusado está exagerando, que não há nenhuma fraude ali, e sim uma inofensiva omissão de dados por motivos de publicidade, coisa afinal de contas tão comum no comercio. O caminho da culpa para a inocência pode até ser difícil, mas também não é impossível. Por outro lado, pode-se perder as esperanças se se quiser manter a inocência, e o resultado é arrasador. O senhor perde onde poderia ganhar e aí fica obrigado a aceitar a culpa que lhe estão impingindo, não tem mais a permissão de escolhê-la.

O caixeiro-viajante balançou os ombros divertindo-se com aquilo; ele lamentava não poder servir, mas não tinha consciência de nenhum delito que o pusesse em conflito com a lei, assegurou.

O advogado de defesa recolocou o pincenê. Com Traps ia ter de se esforçar, a coisa ia pegar, ele ficou pensativo.

— Mas, principalmente — conclui a conferencia — reflita sobre cada palavra, não saia matraqueando qualquer coisa, caso contrário o senhor se verá de repente condenado a longos anos de detenção, sem que se possa fazer algo para ajudá-lo.

Então chegaram os demais. Sentaram-se todos em torno da mesa redonda. Um agradável grupo reunido, gracejos. Primeiramente foram servidas diferentes

entradas, frios, ovos com maionese, à moda russa, *escargots*, sopa de tartaruga. O estado de espírito era excelente, davam-se colheradas animadas, sorviam alto, sem cerimônia.

— E então, o que o senhor réu tem a nos apresentar? Espero que um belo, um importantíssimo assassinato — gralhou o promotor publico.

O advogado de defesa protestou:

— Meu cliente é um réu sem crime; uma raridade na justiça, por assim dizer. Garante ser inocente.

— Inocente? — admirou-se o promotor. As cicatrizes se acenderam, avermelhando-se, quase deixou cair no prato o monóculo, que ficou oscilando para um lado e para outro em seu cordão negro. O juiz anão, que acabara de picar pão na sopa, conteve-se olhou para o caixeiro-viajante com um ar cheio de censura, balançou a cabeça, e também o careca taciturno do cravo branco encarou-o espantado. O silêncio era atemorizante. Nenhum ruído de colher ou garfo, nenhum resfolegar ou sorvo que se escutasse.

Apenas Simone, no fundo, dava risinhos baixos.

— Temos que investigar — conteve-se o promotor finalmente. — O que não existe, não existe.

— Ora, vamos logo! — riu Traps. — Estou à disposição!

Para acompanhar o peixe, havia vinho, um Neuchânteller leve e espumante.

— Pois então — disse o promotor enquanto partia sua truta —, vejamos... Casado?

— Há onze anos.

— Filhinhos?

— Quatro.

—Profissão?

— Do ramo têxtil.

— Caixeiro-viajante, portanto, caro senhor Traps?

— Representante geral.

— Muito bem. Enfrentou uma pane?

— Por um acaso. Pela primeira vez em um ano.

— Ah... E antes disso?

— Bem, eu ainda dirigia o carro antigo — esclareceu Traps. — Um Citroën 1939. Só que agora possuo um Studebaker, modelo extra cor vermelha.

— Studebaker, ora, ora. Interessante. E há bem pouco tempo? Antes não era representante geral, então?

— Um simples caixeiro-viajante, um comerciante comum do ramo têxtil.

— O bom momento da economia... — concordou o promotor.

Ao lado de Traps estava sentado o advogado de defesa.

— Preste atenção no que diz — cochichou-lhe este.

O caixeiro-viajante de tecidos, o representante geral, como agora podemos dizer, pôs-se a cortar despreocupado um beefsteak tartar, gotejou limão por cima, sua receita, um tanto de conhaque, páprica e sal. Nunca uma comida lhe parecera mais agradável, exultou-se com aquilo, ele sempre considerara as noites no Schlaraffia o que havia de mais divertido para gente como ele, mas essa tertúlia parecia lhe prometer diversão ainda maior.

— Arrá! — confirmou o promotor. — O senhor é sócio do Schlaraffia.

— Que apelido o senhor usa lá?

— Marquês de Casanova.

— Ótimo! — gralhou contente o promotor, como se a novidade tivesse importância, o monóculo novamente encaixado. — É um prazer para todos nós ouvir isso. Pode-se aplicar o apelido à sua vida privada, caríssimo?

— Fique atento — silvou-lhe o advogado de defesa.

— Caro senhor — respondeu Traps —, só em algumas circunstâncias. Quando acontece entre mim e outras mulheres algo extraconjugal e mesmo assim apenas casualmente e sem ambições.

Que o senhor Traps tivesse a bondade de pôr o círculo ali reunido a par de sua vida, em breves pinceladas, foi o que pediu o juiz enquanto se servia do Neuchâtel. Já que haviam decidido colocar o convidado e pecador diante do tribunal e talvez meter-lhe anos e anos de pena, era mais do que indicado que o conhecessem melhor e tomassem ciência de coisas particulares, íntimas, histórias com mulheres, se possível bem temperadas com sal e pimenta.

— Con-ta! Con-ta! — exigiram do representante geral os velhos senhores aos risinhos. Certa vez haviam tido à mesa um cafetão que lhes contara as coisas mais eletrizantes e picantes de seu *métier* e, com tudo aquilo, saíra-se com apenas quatro anos de detenção.

— Ora, ora — riu Traps também —, o que tenho para contar de mim? Levo uma vida cotidiana, meus senhores. Uma vida comum, faço questão de confessar desde já. Olhando nos olhos, brindemos.

— Brindemos!

O representante geral ergueu sua taça, e emocionado fixou-se nos olhos vidrados, como de pássaros, dos quatro velhos, que nele se prenderam como se mirassem uma iguaria especial; então brindaram-se com as taças.

Lá fora o sol finalmente se pusera e mesmo o alarido infernal dos pássaros se calara; mas a paisagem continuava ali à luz do dia, os jardins e os telhados vermelhos entre as árvores, o morro coberto de mata e, ao longe, os primeiros montes e algumas geleiras, atmosfera de paz, tranquilidade de uma região rural, sensação festiva de felicidade, benção divina e harmonia cósmica.

Tivera uma dura juventude, contou Traps enquanto Simone trocava os pratos e punha à mesa uma enorme terrina fumegante.

Champignons à la crème.

Seu pai fora operário de fábrica, um proletário que caíra nas doutrinas equivocadas de Marx e Engels, um homem amargurado, sem alegrias, que nunca cuidara de seu único filho; a mãe, lavadeira, murchara muito cedo.

— Só a escola primária eu pude frequentar. Só a escola primária — confirmou, lágrimas nos olhos, amargo e emocionado ao mesmo tempo pelo seu passado miserável, enquanto se brindavam com um Réserve des Maréchaux.

— Curioso — disse o promotor —, curioso. Só a escola primária. Mas conseguiu crescer pelas próprias forças, ilustríssimo senhor.

— Justamente — vangloriou-se Traps, afogueado pelo Maréchaux, embalado pela afável companhia dos outros, por aquele mundo divino, em festa, através das janelas. — É justamente isso que eu quero dizer. Há dez anos eu era um mero mascate, e ia com uma maleta bater de porta em porta. Trabalho pesado, caminhadas, noites passadas sobre montes de feno, albergues pouco confiáveis. Comecei de baixo no meu ramo, bem de baixo. E agora, meus senhores, se vissem minha conta bancária! Não é que eu queira me gabar, mas alguém aí tem um Studebaker?

— Seja cuidadoso — sussurrou-lhe o advogado de defesa, preocupado.

— E como aconteceu isso? — quis saber o promotor, curioso.

Ele devia ficar atento e não falar demais, advertiu o advogado de defesa.

Assumira a função de representante exclusivo do Hefesto no continente, anunciou Traps, e olhou para os lados, triunfante. Somente a Espanha e a região dos Bálcãs estavam em outras mãos.

— Hefesto foi um deus grego — comentou em meio a risadinhas o pequeno juiz, enquanto amontoava *champignons* no prato.

— Hefesto, verdadeiramente um grande artesão, que capturou a deusa do amor e seu amante, o deus Ares, numa rede finíssima e invisível, fazendo com que os outros deuses se divertissem até não poder mais. Porém, o que seria essa Hefestos, cuja representação comercial o prezado Traps assumiu com exclusividade ainda me parece envolto num véu de dúvidas.

— Mas o senhor chegou perto, prezado anfitrião e juiz — riu Traps. — O senhor mesmo está dizendo: um véu. E esse deus grego que desconheço e de nome quase igual ao do meu artigo teria tramado uma rede bem fina e invisível. Se hoje existem o *nylon*, o *perlon* e o *myrlon*, tecidos sintéticos dos quais o respeitabilíssimo tribunal certamente já ouviu falar, também existe o Hefestos, o rei dos tecidos sintéticos, irrompível, transparente; além de ser uma bênção até para reumáticos, pode ser usado tanto na indústria como na moda, em tempos de

guerra ou tempos de paz. O tecido perfeito para guarda-chuvas e ao mesmo tempo a matéria mais encantadora para camisolas de belíssimas damas. Falo com conhecimento de causa.

— Ouçam, ouçam! — grasnaram os anciãos. — Conhecimento de causa, essa é boa! — E Simone trocava de novo a mesa, agora trazendo um assado de rins de vitela.

— Um banquete — extasiou-se o representante geral.

— Alegra-me — disse o promotor público — que o senhor saiba valorizar algo assim. E com razão! Mercadoria da melhor qualidade está sendo posta diante de nós e em porções suficientes, um menu como no século passado, quando as pessoas ainda ousavam comer. Louvemos Simone! Louvemos nosso anfitrião! É ele mesmo quem os compra, velho gnomo e *gourmet*, e quanto aos vinhos, deles é Pilet quem cuida, ele que é dono de pousada no pequeno povoado vizinho. Louvemos Pilet também! Mas onde foi que paramos mesmo, bravo senhor? Continuemos investigando seu caso. Sua vida já conhecemos. Foi um prazer ter uma pequena visão; e também quanto a suas atividades profissionais está tudo claro. Só um ponto irrelevante ainda não está esclarecido: como o senhor chegou a um posto tão lucrativo? Apenas pelo afinco, por uma energia de ferro?

— Fique atento — sibilou o advogado de defesa. — Agora está ficando perigoso.

A coisa não havia sido tão fácil, respondeu Traps e observou cobiçoso como o juiz começava a trinchar o assado. Primeiro tivera de vencer Gygax, o que fora um trabalho árduo.

— Ops, e o senhor Gygax, quem é esse, afinal de contas?

— Meu ex-chefe. Ele teve de ser afastado, para ficarmos no tom rude do meu ramo — respondeu Traps e acrescentou molho a seu prato. — Cavalheiro, os senhores hão de suportar minhas palavras sinceras. É duro, na vida comercial, não faça aos outros o que não quer que façam a você, quem tenta ser um gentleman, pois não, está morto. Ganho dinheiro como capim, mas também trabalho como dez elefantes, todo dia giro meus seiscentos quilômetros com o Studebaker. De modo que absolutamente justo eu não fui, quando foi o caso de mostrar os dentes e avançar sobre Gygax; mas eu tinha de progredir. Negócio é negócio, ora bolas.

O promotor público, curioso, levantou os olhos de seu assado de rim de vitela.

— Despachar, mostrar os dentes e avançar... são umas expressões bem maldosas, caro Traps.

O representante geral riu:

— Que o senhor as entenda em sentido... em sentido figurado, claro.

— O senhor Gygax vai bem, prezadíssimo?

— Morreu no ano passado.

— Está maluco? — sibilou-lhe nervoso o advogado de defesa. — O senhor deve ter enlouquecido de vez!

— Ano passado... — lamentou o promotor. — Sinto muito mesmo. E quantos anos tinha?

— Cinquenta e dois.

— Na flor da idade. E morreu de quê?

— De uma doença qualquer.

— Depois de o senhor receber o posto dele na empresa?

— Pouco tempo antes.

— Muito bem, não preciso saber mais nada, por enquanto — disse o promotor. — Sorte, temos sorte. Um morto está desenterrado, e isso é o principal.

Todos riram. Até Pilet, o careca, concentrando no que comia, cheio de afetação, firme, engolindo porções imensas, levantou os olhos.

— Excelente — comentou e alisou o bigode negro. Então se calou e continuou a comer.

O promotor público ergueu sua taça festivamente.

— Meus senhores, para brindar esta descoberta, degustemos o Pichon-Longueville 1993. Um bom Bordeaux para um bom jogo!

Brindaram novamente e beberam à saúde de todos.

— Que coisa, meus senhores! — espantou-se o representante geral, esvaziando o Pichon em um só gole e estendendo a taça para o juiz. — Que sabor esplêndido!

Chegara o crepúsculo, mal se podia reconhecer os rostos dos homens ali reunidos. Podia-se imaginar as primeiras estrelas nas janelas, e a governanta acendeu três grandes e pesados candelabros, que projetaram nas paredes — a partir da sombra da imagem da mesa reunida —algo como o maravilhoso cálice de uma flor fantástica.

Atmosfera de aconchego, conforto, simpatia por todos os lados, afrouxamento dos modos, dos costumes.

— Como no conto da carochinha — admirou-se Traps.

O advogado de defesa limpou com o guardanapo o suor da testa.

— O conto da carochinha, caro Traps, é o senhor — disse. — Nunca encontrei um réu que desse declarações tão imprudentes com maior paz de espírito.

Traps riu:

— Sem medo, caro vizinho! Assim que começar o interrogatório, me controlo e não perco a cabeça.

Silêncio mortal na sala, como já acontecera. Nenhum mastigar ou sorver ruidoso.

— Seu infeliz!- suspirou o advogado de defesa. — O que o senhor quer dizer com “assim que começar o interrogatório?”

— Bem — disse o representante geral enquanto juntava salada no prato —, por um acaso ele já começou?

Os anciãos riram satisfeitos, olharam-se divertidos, maliciosos, e finalmente desataram em fortes risos, com berros de prazer.

O taciturno e tranquilo careca, às risadinhas, disse:

— Ele não percebeu! Ele não percebeu!

Traps parou, atônito, aquela animação infantil lhe pareceu estranha.

Uma impressão que certamente haveria de se dissipar logo. Então pôs-se a rir junto:

— Meus senhores, perdão — comentou —, mas eu imaginava um jogo mais cerimonioso, cheio de dignidade, mais formal, mais como num tribunal.

— Caríssimo senhor Traps — esclareceu-lhe o juiz —, sua fisionomia consternada é impagável. Nosso modo de conduzir o tribunal lhe parece estranho, animado demais, pelo que vejo. Mas é que nós, nesta mesa, valoroso senhor, somos aposentados e nos libertamos da imensidão desnecessária de fórmulas, protocolos, escrevinhações, leis e toda a parafernália que costuma lotar nossos tribunais. Fazemos nossos julgamentos sem considerar os miseráveis códigos de leis e seus parágrafos.

— Corajosos — replicou Traps, com a língua já meio pesada. — Corajosos. Meus senhores, isso me impressiona. Sem parágrafos, é uma ideia ousada.

O advogado de defesa levantou-se, atabalhoado. Ia tomar um pouco de ar, anunciou, antes que chegassem o frango e o resto, era hora de um passeiozinho revigorante e de um cigarro, e ele convidava o senhor Traps a acompanhá-lo.

**Föhn: Vento quente e seco que atravessa os Alpes,*
***Schlaraffia: Nome de agremiação fundada em 1859 por artistas do Deutsches Theater de Praga, para o cultivo da arte, da amizade e do humor. Acabou se espalhando por várias partes do mundo. Suas congêneres mantêm as características originais: seus membros, os “Schlaraffen”, só falam alemão e evitam assuntos como política, religião e negócios, seguindo regras de conduta com feições medieval-carnavalescas. O nome remete ao alemão “Schlaraffenland”, que designa um lugar de prazeres, como a Cocanha (Pays de Cocagne) dos franceses, ou a*

Pasárgada, do poema de Manuel Bandeira.

Parte 3



Saíram da varanda para a noite aberta que finalmente caíra, quente e majestosa. Das janelas da sala de jantar viam-se os fios de lanternas sobre o gramado, que se estendiam até os canteiros de rosas. O céu estrelado, sem lua, e as árvores erguiam-se ali como uma massa escura, e mal se podiam adivinhar os caminhos de cascalho entre elas, por onde eles agora caminhavam. Haviam se abraçado. Ambos estavam pesados pelo vinho tomado, cambaleavam e balançavam vez por outra, fazendo esforço para andar bem eretos; e fumavam cigarros, Parisiennes, pontos vermelhos na escuridão.

— Meu Deus — resfolegou Traps —, que farra aquilo lá dentro! — E apontou para as janelas iluminadas, onde acabara de se mostrar a silhueta massuda da governanta. — A coisa está divertida, divertida mesmo.

— Caro amigo — disse cambaleante o advogado de defesa, apoiando-se em Traps —, antes de voltarmos e atacarmos o frango, deixe-me dirigir-lhe uma palavra, uma palavra séria, que o senhor deveria considerar com carinho. Simpatizo com o senhor, jovem amigo, tenho carinho pelo senhor, quero lhe falar como se fosse seu pai: nós estamos em vias de perder completamente nosso processo.

— Que azar — respondeu o representante geral, e foi guiando o advogado de defesa ao longo do caminho de cascalho, contornando a grande massa negra e esférica de um arbusto.

Então chegaram a um lago, divisaram um banco de pedra, sentaram-se. Estrelas se espelhavam na água, do chão subia uma aragem. Do povoado vinham os sons de gaitas e cantos, agora também se podia ouvir o som de uma trompa dos Alpes, a Associação dos Proprietários de Pequenos Animais de Criação estava em festa.

— O senhor tem de se conter — advertiu-lhe o advogado de defesa. — O inimigo tomou grandes baluartes; por sua tagarelice incontrolável, eis que surgiu, desnecessariamente, o finado Gygax, uma ameaça poderosa. Tudo isso é muito ruim, um defensor inexperientes teria que entregar as próprias armas; mas com tenacidade, aproveitando-se de todas as chances e, principalmente, com toda a cautela e disciplina de sua parte, Sr. Traps, ainda poderei salvar algo considerável.

Traps riu. Aquilo era um jogo de salão dos mais estranhos, constatou.

Tinha de tocar no assunto na próxima reunião do Schlaraffia**.

— Não é mesmo? Vire-se de novo. Estou alquebrado, caro amigo, depois de renunciar a meu cargo e de repente ter de gazar minha velhice sem ocupação, sem minha velha profissão neste povoado.

Afinal, o que acontece por aqui? Nada, só deixamos de respirar o abafado Föhn, e é tudo. Clima saudável? Ridículo, se não se tem ocupação intelectual. O promotor público estava moribundo; quanto a nosso anfitrião, achava-se que sofria de câncer no estômago; Pilet sofria de diabetes e em mim era a pressão sanguínea que causava preocupações. Aquele era o resultado.

Uma vida de cão. De vez em quando nos sentávamos juntos, tristes, para falar saudosos de nossas antigas profissões e sucessos, nossa única mísera alegria. Aí o promotor teve a ideia de introduzir o jogo, o juiz pôs sua casa e eu minha fortuna à disposição — bem, sou um solteirão e, como advogado da elite máxima por décadas a fia, juntam-se uns bons trocados, meu caro. É quase inacreditável como um salteador das altas finanças absolvido recompensa esplendidamente seu advogado de defesa; beira o desperdício. E tornou-se nosso fonte da juventude, esse jogo; os hormônios, os estômagos, os pâncreas voltaram a ficar em ordem, desapareceu o tédio, reapareceram energia, mocidade, elasticidade e apetite. Veja o senhor mesmo - e, apesar da barriga, fez alguns exercícios de ginástica, como Traps pôde notar sem muita nitidez na escuridão.

Jogamos com os hóspedes do juiz, que representam nossos réus — prosseguiu o advogado de defesa depois de se sentar novamente.

— Ora com mascates, ora com viajantes em férias, e dois meses atrás pudemos até condenar um general alemão a vinte anos de detenção. Chegou aqui enquanto cruzava o lugar numa caminhada com a esposa e só minha arte pôde salvá-lo da forca.

— Magnífica essa produção! — admirou-se Traps. — Mas essa coisa da forca não pode ser verdade. Aí o senhor está exagerando um pouquinho, prezado promotor, afinal a pena de morte está abolida.

— Na justiça do Estado — corrigiu-o o advogado de defesa. — Mas nós aqui lidamos com uma justiça particular e a reintroduzirmos. É justamente a possibilidade de pena de morte que deixa nosso jogo tão eletrizante e *sui generis*.

— Então vocês devem Ter um carrasco também, não? — riu Traps.

— Claro — respondeu positivamente o advogado de defesa, orgulhoso —, também temos. Pilet.

— Pilet?

— Surpreso, não?

Traps tomou vários goles.

— Mas ele é dono de pousada e cuida dos vinhos que estamos tomando...

— Estalajadeiro ele sempre foi — riu satisfeito o advogado de defesa. — Exercia sua atividade pública apenas como profissão paralela. Quase como honorário. Era um dos mais habilidosos em sua área no povoado vizinho e, embora já esteja aposentado há vinte anos, continua um mestre em sua arte.

Um automóvel passou pela rua e à luz de seus faróis iluminou-se a fumaça dos cigarros. Por segundos, Traps viu também o advogado de defesa, a figura descomunal no casacão engordurado, o rosto gordo, satisfeito, bonachão. Traps estremeceu. Um suor frio surgiu em sua testa.

— Pilet...

O advogado de defesa parou espantado.

— Ei, mas o que há com você afinal, meu bom Traps? Percebo que está tremendo. Não está passando bem?

Ele viu diante de si o careca, que na verdade até ali se banqueteara em estado de torpor; era um atrevimento comer com um tipo daqueles. Mas o que podia fazer o pobre sujeito com sua profissão?

A noite amena de verão, o vinho ainda mais delicado tornavam Traps humano, tolerante, sem preconceitos. Ele era afinal de contas um homem que muito vira e bem conhecia o mundo, sem beatice nem filisteísmo, não, um especialista de primeira no ramo têxtil. Pareceu mesmo a Traps agora que sem um carrasco aquela noite seria menos divertida e prazerosa, e logo se alegrou com a ideia de em breve poder contar tudo no Schlaraffia, para onde seguramente também poderiam chamar o carrasco, mediante alguns honorários e cobrindo custos. Por fim, ele riu libertado:

— Vocês me pegaram! Fiquei com medo! O jogo está ficando cada vez mais divertido.

— Sem segredos entre nós... — disse o advogado de defesa após se

levantarem dando-se os braços para, ofuscados pela luz das janelas, andarem apalpando o caminho de volta à casa. — Como o senhor matou Gygax?

— Por acaso o matei?

— Bem, se ele está morto...

— Mas eu não o matei.

O advogado de defesa parou.

— Meu caro jovem amigo — tornou ele, num tom compassivo —, entendo suas preocupações. De todos os crimes, os assassinatos são os mais constrangedores de se confessar. O réu se envergonha, não quer admitir seu ato, esquece, expulsa-o da memória, vê-se mesmo cheio de pré-julgamentos em relação ao passado, carrega o fardo dos sentimentos de culpa exagerados e não confia em ninguém, nem mesmo em seu amigo paternal, o advogado de defesa, o que justamente é a coisa mais equivocada, pois um defensor de verdade ama o assassinato, fica extasiado quando lhe trazem um. Vamos logo, caro Traps! Só fico bem quando estou diante de uma missão real, como um alpinista diante de uns difíceis quatro mil metros — posso dizê-lo como velho montanhista que sou. É aí que o cérebro começa a pensar e a poetar, a roncar e a ranger, uma beleza de motor! Assim, sua desconfiança é o maior erro, se me permite dizer, o erro decisivo que o senhor está cometendo. Por isso, vamos logo com a confissão, meu velho!

Ele porém não tinha nada para confessar, reiterou o representante geral.

O advogado de defesa parou estupefato. Sob os fortíssimos reflexos da luz que vinham das janelas, da taças que tilintavam, as risadas se tornando cada vez mais animadas, ele ficou olhando embasbacado para Traps.

— Garoto, garoto — resmungou em reprovação —, que quer dizer isso, afinal? Então o senhor insiste em não deixar sua tática equivocada e continuar fazendo o papel de inocente? Não entendeu ainda? É preciso confessar, querendo-se ou não, e sempre se tem algo a confessar, aos poucos isso tem de lhe ficar claro! Pois bem, caro amigo, sem maiores rodeios, sem papas na língua: como o senhor matou Gygax? Num momento de forte emoção, não foi? Nesse caso, teríamos de nos preparar para uma acusação de homicídio. Posso apostar que o promotor está indo nessa direção. Tenho cá minhas suposições. Conheço o moço.

Traps sacudiu a cabeça.

— Meu caro senhor defensor — disse —, a graça especial desse nosso jogo é — se me permite, como iniciante e totalmente sem parâmetros que sou, expressar minha opinião — que ele amedronte e cause estranheza em alguém. O jogo ameaça tornar-se realidade. De repente, alguém se pergunta se afinal é um criminoso ou não, se haveria matado o velho Gygax ou não. Seu discurso quase

me causou uma vertigem. E, por isso, sem segredos entre nós: sou inocente na morte do velho gângster. De verdade.

Com isso, entraram de volta à sala de jantar, onde o frango já fora servido e um Château Pavie 1921 cintilava nas taças.

Traps, bem-humorado, dirigiu-se ao sério e taciturno careca e apertou-lhe a mão. Disse-lhe que soubera, pelo advogado de defesa, de sua profissão de outrora, que queria enfatizar não poder haver nada mais agradável do que ter à mesa um homem tão valoroso; afirmou-lhe que não tinha preconceitos — pelo contrário. E Pilet, alisando o bigode tingido, murmurou enrubescido, um tanto envergonhado e num dialeto pavoroso:

— É um prazer, é um prazer, vou me esforçar.

Após essa comovente confraternização, também o frango apeteceu-lhes enormemente. Fora preparado segundo uma receita secreta de Simone, anunciou o juiz mastigando ruidosamente; comiam com as mãos, elogiavam a obra-prima, bebiam, brindavam à saúde de qualquer um, lambiam o molho escorrido nos dedos, sentiam-se bem, e com todo o conforto o processo seguiu adiante. O promotor, com um guardanapo em volta do pescoço e o frango diante da boca que fazia um bico e dava mastigadas ruidosas, esperava que lhe servissem uma confissão para acompanhar a ave.

— É certo, caríssimo e honorabilíssimo réu, que o senhor envenenou Gygax.

— Não — riu Traps —, nada disso.

— Bem, digamos: atirou nele?

— Também não.

— Preparou-lhe secretamente um acidente de automóvel?

Riso geral, e o advogado de defesa sibilou mais uma vez:

— Preste atenção, isso é uma armadilha!

— Azar, senhor promotor, puro azar! — exclamou Traps excitado. — Gygax morreu de infarto, e não foi o primeiro que ele sofreu. Alguns anos antes já o haviam alertado para que prestasse atenção. Ainda que quisesse aparentar ser um homem saudável, a qualquer agitação podia-se temer que a coisa se repetisse, sei disso com certeza.

— Ops, soube por quem? Pela esposa dele?

— Atenção, pelo amor de Deus — murmurou-lhe o advogado de defesa.

O Château Pavie 1921 superou as expectativas. Traps já estava na quarta taça, e Simone lhe pusera uma garrafa extra por perto. Mediante o espanto do promotor, o representante geral fez um brinde aos velhos cavalheiros, mas que o respeitabilíssimo tribunal não viesse a pensar que ele estava escondendo algo. Ele queria dizer a verdade e mantê-la, ainda que seu advogado de defesa lhe estivesse sibilando “Atenção”. De fato, tivera algo com a senhora Gygax. Bem, o

velho gângster viajava frequentemente e desprezava da forma mais cruel aquela sua esposinha bem-feita e apetitosa; então ele tivera que fazer, vez por outra, o papel do consolador, no canapé da sala de estar dos Gygaxes e mais tarde também na cama de casal, ocasionalmente — enfim, o curso normal das coisas neste mundo.

A estas palavras de Traps os velhos senhores pasmaram. Porém, de repente puseram-se a guinchar divertidos, e o careca, até então calado, gritou, atirando seu cravo para os ares: “Uma confissão! Uma confissão!”

Só o advogado de defesa bateu desesperado os punhos contra as têmporas.

— Que insensatez! — exclamou.

Seu cliente devia ter enlouquecido e não se podia acreditar incondicionalmente na história que estava contando. Ao que Traps, indignado e sob novos aplausos na mesa, protestou. Com isso se iniciou um longo palavrório entre o defensor e o promotor, em instantes idas e vindas, meio estranho, meio sério, uma discussão cujo conteúdo Traps não conseguia compreender. Era em torno da palavra *dolus*, cujo significado o representante geral desconhecia. A discussão foi ficando cada vez mais intensa, as vozes se elevando, cada vez mais incompreensíveis, o juiz se intrometeu, exaltou-se igualmente, e no início Traps estava empenhado em ouvir, adivinhando algo do sentido da altercação, mas respirou aliviado, quando a governanta veio pôr à mesa os queijos, camembert, brie, emmenthal, gruyère, tête de moine, vacherin, limburg e gorgonzola, e deixou o *dolus* para lá, brindou com o careca, que permanecia ali calado e parecia também não entender nada, e se serviu — até que, súbito, num movimento inesperado, o promotor virou-se para ele:

— Senhor Traps — perguntou, com a juba de leão eriçada e o rosto em brasa, o monóculo na mão esquerda —, o senhor e a senhora Gygax ainda são amigos?

Todos arregalaram os olhos na direção de Traps, que empurrara pela boca pão branco com camembert e mastigava satisfeito. E então tomou mais um gole do Château Pavie. Em algum lugar tiquetaqueava um relógio e do povoado vinham outra vez sons distantes de realejo, homens cantando em coro: “Sendo a hospedaria a Espada Suíça...”

"Desde a morte de Gygax", explicou Traps, "não visitara mais a esposinha".

Afinal não queria estragar a reputação da viúva.

A explicação provocou, para seu espanto, uma nova onda de contentamento, fantástica e incompreensível: haviam ficado ainda mais animados que antes. O promotor gritou:

— *Dolo malo, dolo malo*! — E bradou versos gregos e latinos, citou Schiller e Goethe, enquanto o pequeno juiz soprava as velas, à exceção de uma, cuja

chama usou para, berrando e fungando ruidosamente, projetar na parede as mais fantásticas imagens em sombra: cabras, morcegos, diabos e ogros.

Nisso Pilet golpeou a mesa de tal modo que taças, pratos e tábuas dançaram:

— Vai dar pena de morte! Vai dar pena de morte!

Somente o advogado de defesa não participava, e empurrou a tábua para Traps. Que este se servisse, eles teriam de fartar-se de queijo, não lhes restava mais nada.

Um Château Margaux foi trazido à mesa. Com ele reinstaurou-se a paz.

Todos encararam o juiz, que começava a desarrolhar a empoeirada garrafa (ano 1914), com cautela e muito meticulosamente, usando um saca-rolhas esquisito, arcaico, que lhe permitia puxar a rolha da garrafa deitada sem tirá-la de seu suporte, um procedimento que se dava sob um clima de tensão, a respiração presa, mas terminava por preservar intacta ao máximo a rolha, já que essa era a única prova de que a garrafa realmente vinha do ano de 1914 — quatro décadas haviam destruído a etiqueta fazia muito tempo. A rolha não saia inteira, o resto tinha de ser cuidadosamente removido, porém ainda se podia ler nela o número do ano; foi passada de mão em mão, cheirada, admirada e por fim entregue de modo solene ao representante geral, como lembrança da belíssima noite, como disse o juiz. Este então provou do vinho, fez com que estalasse na boca, serviu. Os outros começaram a cheirar, a sorver com ruído, soltaram gritos de deslumbramento, enalteceram o anfitrião.

O queijo foi servido ao círculo, e o juiz ordenou que o promotor público proferisse seu “discursozinho de acusação”. Este exigiu primeiramente novas velas, a coisa devia se dar de modo cerimonioso, absorto, era preciso concentrar-se, reunir todas as energias interiores. Simone trouxe o que fora exigido. Estavam todos ansiosos, ao representante geral a situação pareceu levemente estranha, sentiu um calafrio, mas ao mesmo tempo achou sua aventura maravilhosa, e por nada no mundo teria querido abrir mão dela. Apenas seu defensor não parecia de todo satisfeito.

— Bom, Traps — disse ele —, vamos ouvir o discurso de acusação. Você vai se assustar com o que arranjou com suas respostas descuidadas, com sua tática equivocada. Se a situação antes era ruim, agora é catastrófica. Mas coragem, vou ajudá-lo a sair do atoleiro, só não vá perder a cabeça, vai precisar de bons nervos para sair dessa são e salvo.

Parte 4



Chegara a hora.

Pigarros, tosses por todos os lados, brindaram-se novamente, e sob risinhos e escarninhos o promotor público começou seu discurso.

— O prazer de nossa tertúlia — disse erguendo sua taça, permanecendo porém sentado —, seu sucesso, se deve ao fato de termos desvendado um assassinato, tramado de maneira tão refinada que naturalmente escapou de maneira brilhante à nossa justiça estatal.

Traps ficou perplexo e de repente se irritou.

— Então, quer dizer que eu cometi um assassinato? — protestou. Ora, ouça o senhor: isso tudo já está indo longe demais para mim. Já não bastava o advogado de defesa com sua história furada! — Mas então refletiu um pouco e começou a rir, desmedidamente, quase sem conseguir se acalmar, uma piada sensacional, agora ele entendia, queriam lhe inculcar um crime, essa era boa, era boa mesmo!

O promotor público, cheio de dignidade, levantou os olhos na direção de Traps, limpou seu monóculo e o recolocou.

— O réu — continuou — duvida da própria culpa. Humano. Quem de nós é consciente, sabe de seus crimes e suas malfeitorias secretas? Mas permitam-me frisar algo neste momento, antes que nosso jogo outra vez entre em ebulição passional: caso Traps seja um assassino, como afirmo, como intimamente quero crer, estamos diante de um momento particularmente solene. O que é justo. É como a alegria de ser pai, a descoberta de um assassinato, uma alegria que faz nosso coração bater mais forte, colocando-nos diante de novas tarefas, decisões,

deveres, de modo que quero cumprimentar nosso querido provável autor do crime, afinal sem um autor não é possível descobrir um assassinato, fazer imperar a Justiça. Um brinde especial, então, a nosso amigo, nosso modesto Alfredo Traps, trazido a nosso meio por um destino bem-intencionado!

Uma explosão de alegria, levantaram, brindaram à saúde do representante geral — este, por sua vez, com lágrimas nos olhos agradeceu e assegurou que aquela com certeza era a mais bela noite que já tivera.

O promotor, agora igualmente em lágrimas:

— Sua mais bela noite, declara nosso prezadíssimo. Uma palavra, uma palavra comovente. Rememoremos o tempo em que se tinha que desenvolver atividades escusas a serviço do Estado. Não era como amigo que o réu se apresentava diante de nós, mas como inimigo. Esse que agora podemos apertar contra o peito naquele tempo tínhamos de afastar. Venha então, a meu peito!

Com essas palavras, saltou da cadeira, ergueu Traps no ar e abraçou-o efusivamente.

— Promotor, querido, querido amigo — balbuciou o representante geral.

— Réu, querido Traps — soluçou o promotor público. — Tratemo-nos por você. Pode me chamar de Kurt. À sua saúde, Alfredo!

Beijaram-se, apertaram-se contra o peito, afagaram-se, beberam brindando um ao outro, a comoção se espalhava, a íntima convicção de uma amizade que ali florescia.

— Mas como tudo mudou! — proclamou eufórico o promotor. — Se antigamente nos lançávamos afobados de caso em caso, de crime em crime, de sentença em sentença, agora justificamos, arguimos, relatamos, discursamos e debatemos com vagar, comodidade, contentamento; aprendemos a estimar, amar o réu, sua simpatia nos toca, confraternização de ambos os lados. E mal se produz esta, tudo fica mais fácil, o crime perde o peso, e a sentença torna-se nítida. Assim, deixem-me pronunciar palavras de reconhecimento ao assassinato perpetrado (Traps ia dizendo, ao mesmo tempo, com o mais resplandecente humor: “Provas, Kurt, provas”). Justificadamente, pois se trata de um perfeito, de um belo assassinato. Aqui o adorável autor do crime poderia ver um cinismo brejeiro — longe de mim isso. “Belo” pode ser chamado o seu ato sob dois aspectos, num sentido filosófico e num técnico-virtuoso: nosso grupo reunido à mesa, prezado Alfredo, abandonou o preconceito de ver no crime algo indecente, terrível, e ver na justiça, por outro lado, algo belo, ainda que esteja mais para terrivelmente belo. Não, na verdade nós reconhecemos até no crime a beleza como a pré-condição para, só a partir desta, ser possível a justiça. Este, o lado filosófico. Celebremos agora a beleza técnica do ato. Celebração: acho que entendi a palavra justa, não quero que meu discurso de acusação seja um amigo,

e sim uma celebração que lhe apresente seu crime, que faça esse crime desabrochar para ele, fazendo-o tomar consciência: somente sobre o limpo pedestal do reconhecimento é que se pode erigir o monumento inteiriço da justiça.

O velho promotor de oitenta e seis anos deteve-se, exausto. Apesar da idade, falara em voz alta e cavernosa, com grandes gestos, enquanto bebia e comia muito. Então ele limpou o suor da testa com o guardanapo manchado que tinha preso ao pescoço, enxugou a nuca franzida.

Traps estava comovido. Mantinha-se pesadamente sentado em sua cadeira, o menu deixara-o num estado de letargia. Estava satisfeito, mas não queria se deixar abater pelos quatro anciãos, embora admitisse ter sido dominado pelo apetite e pela sede descomunais que tinha. Ele era um valente comedor, mas tal vitalidade e voracidade nunca lhe haviam acontecido antes. Estava espantado, olhava embasbacado e inerte por sobre a mesa, afagado pela cordialidade com a qual o promotor o tratava, ouvindo da igreja as doze solenes badaladas do sino à meia-noite, e então retumbou longe, noturno, o coro dos Proprietários de Pequenos Animais de Criação:

"Nossa vida é igual à viagem..."

— Como no conto da carochinha — surpreendeu-se outra vez o representante geral —, como no conto. E continuou:

— Então quer dizer que eu cometi um assassinato? Justo eu? Isso muito me admira, isso sim.

Enquanto isso, o juiz desarrolhara mais uma garrafa de Château Margaux 1914, e o promotor público, refeito, recomeçava:

— O que aconteceu, afinal? Como descobri que nosso querido amigo logrou ser autor de um assassinato, não apenas um assassinato de sangue, sem meios como veneno, pistolas ou coisa semelhante, mesmo assim foi executado?

Pigarreou, Traps o encarou, hipnotizado, um pedaço de vacherin na boca.

Como perito que era, prosseguiu o promotor, tinha de partir da tese de que podia haver um crime espreitando por trás de qualquer ação, de qualquer pessoa.

—A primeira ideia — de que se haveria encontrado na figura do senhor Traps alguém favorecido pelo destino e abençoado com um crime — se devia à circunstância de que o caixeiro-viajante de tecidos um ano antes andava num velho Citroën e agora desfilava um Studebaker. Sei, porém, que vivemos tempos de crescimento econômico e, desse modo, a ideia ainda era vaga, mais comparável à intuição de estar diante de uma experiência feliz, da descoberta de um assassinato, mesmo. Nosso amigo Ter assumido o posto de seu chefe, Ter

precisado afastar seu chefe, e este chefe Ter morrido, todos estes fatos ainda não eram provas, mas os primeiros elementos que fortaleceriam a tese e dariam fundamento àquela intuição. A suspeita, alicerçada logicamente, só cresceu quando se soube que esse lendário chefe havia morrido de um infarto. Aí foi o caso de juntar, combinar, invocar perspicácia, sagacidade, proceder com discrição, aproximar-se sorrateiro da verdade, reconhecer o comum como o incomum, ver o definido no indefinido, contornos na névoa, crer num assassinato exatamente por parecer absurdo supor um assassinato. Vejamos em traços gerais o material que temos disponível. Esbocemos um quadro do falecido. Pouco sabemos dele; o que sabemos depreendemos das palavras de nosso simpático convidado. O senhor Gygax era o representante geral do Hefesto, tecido sintético ao qual podemos confiar todas as agradáveis qualidades que lhe atribui nosso caro Alfredo. Era uma pessoa, podemos concluir, que ia direto ao ponto, explorava seus subordinados sem maiores considerações, que sabia fazer seus negócios ainda que os meios pelos quais fechava esses negócios fossem frequentemente no mínimo questionáveis.

— É verdade — concordou Traps entusiasmado. — É uma descrição perfeita daquele malandro!

— Além disso, podemos deduzir — continuou o promotor — que ele exteriormente fazia o papel do robusto, do fortalhão, do comerciante bem-sucedido, escolado e escaldado; por essa razão Gygax ocultara, enfim, da maneira mais cuidadosa seus sérios problemas cardíacos, e aqui também reproduzimos as palavras de Alfredo, embora ele suportasse esse sofrimento numa espécie de sanha obstinada, como uma pedra de prestígio pessoal, por assim dizer.

— Que maravilha! — admirou-se o representante geral, aquilo era praticamente bruxaria, ele podia apostar que Kurt conhecera o falecido.

Mas que Traps se calasse, sibilou-lhe o advogado de defesa.

— Ademais — explicou o promotor —, completando o retrato do senhor Gygax, o falecido desprezava sua esposa, que temos de pensar como uma bem-feita e apetitosa mulherzinha, pelo menos foi como se expressou, aproximadamente, nosso amigo. Para Gygax só contava o sucesso, os negócios, o exterior, a fachada, e podemos supor com um certo grau de probabilidade que ele estava convencido da fidelidade da esposa e considerava ter uma aparência extraordinária e ser uma imagem masculina muito excepcional, para que pudesse sequer lhe passar pela cabeça o pensamento de um adultério; daí ter sido, seguramente, um duro golpe tomar conhecimento da infidelidade de sua esposa com o nosso Casanova do Schlaraffia.

Todos riram, e Traps deu tapas na própria coxa, animado.

— Ele era isso mesmo — confirmou, radiante, a suposição do promotor. — Foi o fim para ele, quando soube aquilo.

— O senhor simplesmente enlouqueceu — gemeu o advogado de defesa.

O promotor público se levantara e olhava satisfeito na direção de Traps, este raspando com a faca seu *tête de moine*.

— Ei, como ele ficou sabendo tudo, o velho crápula? — perguntou. — Sua apetitosa esposinha lhe confessou?

— Disso ela não tinha coragem, era covarde demais, senhor promotor — respondeu Traps. — Ela temia o gângster.

— Foi o próprio Gygax que chegou aos fatos?

— Disso ele não era capaz, era presunçoso demais.

— E foi você quem confessou, por um acaso, caro amigo e Don Juan?

Traps sem querer ficou vermelho:

— Nãããão, Kurt — disse —, isso é o que você pensa. Um dos irrepreensíveis colegas comerciantes revelou tudo ao velho malandro.

— Como assim?

— Queria me prejudicar. Sempre agiu como meu inimigo.

— Em que mundo nós vivemos! — espantou-se o promotor.

— Mas como foi que esse homem de confiança ficou sabendo de seu relacionamento?

— Eu lhe contei

— Contou?

— Enfim... durante uma taça de vinho... o que é que a gente não conta por aí?

— Vamos admitir que sim — concordou o promotor. — Mas você acabou de dizer que esse colega comerciante do senhor Gygax sempre agiu como inimigo. Não existia de *antemão* a certeza de que o velho malandro iria acabar tomando conhecimento de tudo?

Nisso o advogado de defesa interveio energicamente, levantou-se até, ensopado de suor, a gola se seu casacão encharcada. Queria chamar a atenção de Traps, explicando-lhe que ele não precisaria responder àquela pergunta.

Traps tinha outra opinião.

— Por que não? — disse. — Pois a pergunta é totalmente inofensiva. Afinal, para mim podia ser indiferente se Gygax ia tomar conhecimento ou não. O gângster me tratava com tamanha falta de consideração que não seria mesmo eu quem iria querer bancar ali alguém cheio de consideração por ele.

Por um momento a sala ficou silenciosa, num silêncio mortal, então fez-se o tumulto, animação, gargalhadas homéricas, um furação de júbilo. O careca taciturno abraçou Traps, beijou-o, o advogado de defesa perdeu seu pincenê de

tanto rir — com um réu daqueles simplesmente não era o caso de se enfezar.

Enquanto isso, o juiz e o promotor público dançavam ao redor da sala, esmurrando as paredes, cumprimentando-se com as mãos, subindo nas cadeiras, espatifando garrafas, fazendo cheios de prazer a mais absurda farra. O réu estava confessando mais uma vez, gralhou com força o promotor pela sala, agora sentado no espaldar de sua cadeira, não havia mais como elogiar o querido convidado, ele estava jogando magnificamente.

— O caso é claro, a última evidência se confirma — continuou ele, sobre a cadeira bamba como um momento barroco em decomposição. — Olhemos para nosso prezado, nosso queridíssimo Alfredo! Vivia nas mãos daquele gângster seu chefe, andava pela região com seu Citroën. Ainda um ano atrás! Ele podia se orgulhar disso, nosso amigo, esse pai de quatro filhinhos, esse filho de um operário de fábrica. E com razão. Ainda no tempo da guerra fora mascate. Nem isso: sem autorização, era um andarilho com artigos têxteis falsos, um pequeno comerciante ilegal, indo de trem de povoado a povoado; ou a pé, passando por atalhos, com frequência quilômetros e mais quilômetros através de matas escuras rumo a propriedades distantes, uma bolsa de couro suja presa ao corpo ou mesmo um cesto, uma mala meio destroçada na mão. Agora ele havia melhorado, instalara-se num negócio, era membro do partido liberal, diferentemente de seu pai marxista. Mas quem quer descansar no galho que acabou de alcançar, se na copa da árvore, digamo-lo poeticamente, apresentam-se galhos com frutos ainda melhores? Ele até ganhava bem, ia voando com seu Citroën de loja de tecidos em loja de tecidos, o carro não era ruim, mas nosso caro Alfredo via de todos os lados despontarem e passarem por ele novos modelos, acelerando, voando em sua direção, ultrapassando-o. O bem-estar estava crescendo no país, quem não queria participar?

— Foi exatamente isso, Kurt — exultou Traps —, exatamente isso.

O promotor estava agora no seu elemento, feliz, satisfeito como uma criança cheia de presentes.

— Fora mais fácil decidir do que fazer — comentou, ainda sentado no espaldar de sua cadeira. — O chefe não o deixava crescer, mau, insistentemente explorando-o, dava-lhe adiantamentos para amarrá-lo de novo, sabia acorrentá-lo cada vez mais impiedosamente.

— Certíssimo! — gritou o representante geral, indignado. — Os senhores não têm ideia de como o velho gângster me oprimia.

— E então era preciso ir com tudo — disse o promotor.

— E como! — confirmou Traps.

As intervenções do réu atiçavam o promotor, agora em pé sobre a cadeira, enquanto balançava como uma bandeira o guardanapo respingado de vinho,

salada no colete, molho de tomate, restos de carne.

— Nosso caro amigo de início agia no plano dos negócios, ainda que não tão honestamente, como ele próprio admite. Podemos ter uma imagem aproximada disso, de como era. Ele secretamente entrava em contato com os fornecedores do chefe, sondava, prometia melhores condições, criava embaraços, conferenciava com outros caixeiros-viajantes do ramo têxtil, fechava acordos e contra-acordos. Só que aí ele teve a ideia de tomar mais um caminho, diferente.

— Um caminho diferente? — espantou-se Traps.

O promotor público fez que sim.

— Esse caminho, meus senhores, passava pelo canapé da residência dos Gygaxes, indo diretamente à sua cama de casal.

Riso geral, principalmente de Traps.

— Verdade — concordou este —, era uma peça maldosa que eu estava pregando no velho gângster. A situação, porém, era esquisita demais, relembro agora. Por um lado, eu de fato até este momento me envergonho de ter feito aquilo, afinal quem gosta de saber as consequências do que fez? Totalmente limpo ninguém está. Mas, por outro lado, quando se está entre amigos tão compreensivos, a vergonha se torna ridícula, desnecessária. Curioso! Sinto-me compreendido e começo a me compreender também, como se estivesse conhecendo uma pessoa que sou eu mesmo, uma pessoa que antes eu só conhecia como um representante geral num Studebaker, com mulher e filhos, por assim dizer.

— É com prazer que constatamos — disse em seguida o promotor, caloroso e cheio de afeto — que está se acendendo uma luzinha para nosso amigo. Continuemos ajudando, para que com ela se faça dia. Sigamos as suas motivações com o fervor de alegres arqueólogos e vamos nos deparar com a beleza suprema de crimes soterrados. Ele começou uma relação com a senhora Gygax. Como chegou lá? Ele viu a apetitosa mulherzinha, podemos imaginar. Talvez fosse tarde da noite, sob a luz dourada das lanternas nas ruas, talvez no inverno, lá pela seis (Traps: “Sete Kurt, sete!)”, quando na cidade já era noite, com vitrines e cinemas iluminados e placas de publicidade, luminosas e amarelas, por todos os lados, noite aconchegante, lasciva, atraente. Ele viera com seu Citroën pelas ruas escorregadias até o bairro de mansões onde seu chefe morava (Traps entusiasmado intervindo: “Sim, sim, bairro de mansões!), vinha com uma pasta embaixo do braço, pedidos, tecido em mostruário, hora de tomar uma importante decisão. Só que a limusine de Gygax não se encontrava na costumeira vaga na beira da calçada. Mesmo assim ele cruzou o parque escuro e tocou a campainha, a senhora Gygax lhe abriu a porta, o marido não viria para casa esta noite e a empregada havia saído. Ela estava de vestido longo — ou

melhor: de roupão de banho —, mas mesmo assim que Traps aceitasse um aperitivo, ela fazia questão de convidá-lo, e assim ficariam juntos no salão de convidados.

Traps ficou pasmo.

— Como você sabe tudo isso, Kurt? Parece coisa de bruxaria!

— É treino — explicou o promotor. — Os destinos todos seguem curso igual. Não foi sequer sedução, nem da parte de Traps, nem daquela mulher; foi uma oportunidade que ele aproveitou. Ela estava só e entediada, não pensava em nada de especial, ficou contente por falar com alguém, a residência com um calor agradável, e sob o roupão de banho com flores coloridas ela vestia apenas a camisola. E quando Traps se sentou a seu lado e viu sua pela branca, um prenúncio de seu seio, e enquanto ela tagarelava, zangada com o marido, desencantada, como bem podia perceber nosso amigo, ele só compreendeu que tinha de entrar em ação ali quando já estava agindo, e então logo ficou sabendo tudo sobre Gygax, como era preocupante a saúde dele, como qualquer grande excitação poderia matá-lo, sua idade, como ele era rude e malvado com a mulher e como tinha a pétrea convicção de que esta lhe era fiel, pois por uma mulher que quer se vingar do marido ficamos sabendo de tudo. E assim ele prosseguiu com a relação, pois agora era mesmo intencional, pois agora se tratava de arruinar seu chefe por todos os meios, acontecesse o que acontecesse, e então chegou o momento em que ele teve tudo nas mãos: parceiros comerciais, fornecedores, a mulher branca, rechonchuda e nua às noites, e assim ele apertou o laço, provocou o escândalo. Intencionalmente. Também disso já estamos a par: o crepúsculo aconchegante, a tardezinha enfim.

"Vamos encontrar nosso amigo num restaurante, numa taberna da parte antiga da cidade, a calefação um tanto exagerada, tudo maciço, patriótico, móveis de primeira, preços também, janelinhas de vidro convexo, o imponente dono do local (Traps: “Na Adega da Prefeitura, Kurt”), a imponente dona do local, como agora temos de corrigir, emoldurada pelos quadros dos outrora assíduos frequentadores e hoje mortos, um vendedor de jornais que caminha pela casa, deixa-a em seguida, mais tarde o Exército da Salvação cantando “Deixai entrar os raios de sol”, alguns estudantes, um professor universitário, sobre uma mesa duas taças e uma boa garrafa, prova-se coisa de qualidade aqui, e no canto, finalmente, pálido, obeso, banhado de suor na gola aberta, apoplético como a vítima que se tem agora como alvo, o irrepreensível colega comerciante, admirado... — O que significava tudo aquilo? —, ouvindo atentamente tudo, escutando da boca do próprio Traps a historia do adultério, para então, horas mais tarde, como não podia deixar de ser e como nosso Alfredo já previra, correr para o chefe, por sentimento de dever, amizade e decoro íntimo, revelar tudo ao

desgraçado."

— Que hipócrita! — exclamou Traps, os olhos redondos e brilhantes hipnotizados, feliz por ficar sabendo a verdade, sua orgulhosa, ousada e solitária verdade.

E então:

— Assim chegou o momento fatídico, calculando com precisão, quando Gygax ficou sabendo de tudo. O velho ainda conseguiu ir para casa, imaginemos, furioso, já no carro suando em profusão, dores na região do coração, mãos tremendo, policiais apitando irritantemente, sinais de trânsito sendo ignorados, o dificultoso caminhar da garagem até a porta de casa, o ataque, ainda no corredor talvez, enquanto a esposa vinha em sua direção, a vistosa, apetitosa mulherzinha. Não durou muito, o médico ainda deu morfina, aí em seguida, finalmente, mais um estertor sem importância, soluços por parte da esposa, Traps em casa entre os que ama, tira o telefone do gancho, abalo, sensação de missão cumprida, três meses mais tarde o Studebaker.

Novas gargalhadas. O bom Traps, atirado de estupefação em estupefação, riu junto, ainda que um tanto constrangido, coçou a cabeça, balançou-a para o promotor em sinal de reconhecimento, mas não descontente. Estava até de bom humor. A noite era perfeita; o fato de lhe atribuírem um assassinato, se por um lado o deixava um pouco atônito, fazia-o pensativo, circunstância que, no entanto, lhe parecia agradável, por outro despertava nele um prenúncio de coisas mais elevadas, de justiça, de crime e castigo. O temor, que ele não esquecera, que o assaltara no jardim e mais tarde nas explosões de alegria do grupo reunido à mesa, parecia-lhe injustificado agora, animava-o.

Era tudo tão humano! Ele estava curioso pelo que viria a seguir.

O grupo transferiu-se para o salão de convidados, para o cafezinho; foram, manquejantes, o advogado de defesa tropeçando, entrando num aposento lotado de quinquilharias de porcelana e vasos.

Enormes gravuras nas paredes vistas da cidade, cenas históricas, o Pacto de Rütli, a Batalha de Laupen, o Declínio da Guarda Suíça, a Companhia dos Sete Honestos, teto de gesso, ornamento em estuque, no canto um piano de cauda, poltronas confortáveis, baixas, enormes, trabalhos de tricô por cima, dizeres religiosos, “Bem-aventurado aquele que trilha o caminho da justiça”, “Uma consciência em paz um bom travesseiro faz”.

Pelas janelas abertas via-se a estrada vicinal, algo imprecisa na escuridão, antes um prenúncio de estar ali, mas, agora, perdida sob as luzes oscilantes dos faróis dos automóveis, os poucos que rodavam a essa hora, afinal já eram quase duas.

Nunca ouvira algo mais arrebatador que o discurso do Kurt, julgou Traps. No

geral, não havia muito que observar, algumas leves correções, com certeza, seriam convenientes. O irrepreensível colega comerciante, por exemplo, era um tanto baixo e bem magro e a gola era dura, de modo algum se encharcava de suor, e a senhora Gygax não o recebera vestida num roupão de banho, e sim num quimono certamente de corte bem amplo, de modo que seu amável convite também se fizera em termos visuais — aquilo foi mais um dos gracejos dele, um exemplo de seu modesto humor —; além disso, o merecido infarto do gângster-mor não o apanhara em casa, mas nos seus armazéns, durante uma rajada de Föhn, e ainda fora levado ao hospital, com abertura e intervenção cirúrgica no coração. Porém, tudo isso eram, como dissera, detalhes irrelevantes. O certo, o mais exato, sobretudo, era o que comentara seu genial amigo do peito e promotor: que ele se metera com a senhora Gygax somente para arruinar o velho malandro, sim, ele se lembrava claramente de como, deitado na cama daquele, sobre sua mulher, encarara a fotografia dele, o rosto antipático com óculos de aro de chifre diante de olhos esbugalhados, e como lhe sobreviera a ideia de uma alegria insana: com aquilo que ele ali fazia tão cheio de prazer e empenho, estava na verdade assassinando de vez seu chefe, a sangue-frio dando cabo daquele sujeito.

Já estavam sentados nas poltronas com os dizeres religiosos quando Traps declarou isso; agarravam a pequena xícara fumegante de café, mexiam com a colherinha e por cima tomaram um conhaque de 1893, Roffignac, em grandes copos bojudos.

Com isso, era chegado o momento da queixa-crime, anunciou o promotor público, esparramado numa confortável poltrona, as pernas com as meias diferentes (uma xadrez cinza e preto e outra verde) estendidas sobre os braços dela.

O amigo Alfredo não agira *dolo indirecto*, como se a morte tivesse se dado por acaso, e sim *dolo malo*, com má intenção, como os fatos haviam apontado, de modo que por um lado provocara ele próprio o escândalo, por outro não mais visitaria a apetitosa esposinha após a morte do gângster-mor, de onde necessariamente se concluía que a esposa teria sido um mero instrumento para seus planos sanguinários, a galante arma do crime, por assim dizer; que deste modo se estaria diante de um assassinato executado de uma forma psicológica tal que, afora um adultério, nada de ilegal teria acontecido, claro que apenas aparentemente, motivo pelo qual ele então, agora que essa aparência se dissolvia, sim, depois de o valoroso réu haver ele próprio confessado o crime da maneira mais gentil, ele na qualidade de promotor público tinha o prazer — e com isso chegava ao final de suas honrarias — de exigir do ilustre juiz a pena de morte para Alfredo Traps, como recompensa por um crime que merecia admiração,

espanto e respeito, um crime que ademais podia reivindicar o direito de figurar entre um dos mais extraordinários do século.

Riram, aplaudiram e atiraram-se ao bolo que Simone trouxera. Para coroar a noite, conforme esta proclamou. Lá fora, como atração, erguia-se uma lua tardia, uma foice estreita, as árvores farfalhavam sem exagero, de resto só silencio, na rua apenas raramente um automóvel, e então alguém voltando atrasado para casa, com cuidado, meio em zigue-zague.

Ao lado de Pilet, o representante geral sentia-se protegido, num canapé mole e aconchegante — com os dizeres: “Eu amiúde entre os que amo...”. Passou o braço pelo ombro do homem calado, que apenas de tempos em tempos pronunciava admirado um “fantástico”, deixando o “f” soar chiado, assobiado, bem de acordo com sua elegância afetada.

Com carinho.

Com aconchego.

Face a face.

Parte 5



O vinho o deixava pesado e pacífico, ele desfrutava aquilo, ser verdadeiro, ser ele mesmo naquele grupo de pessoas compreensivas, não ter mais segredos, pois nenhum mais era necessário, ser honrado, venerado, amado, compreendido, e a ideia de que teria cometido um assassinato convencia-o cada vez mais, tocava-o, metamorfoseava sua vida, fazendo-a mais complexa, mais heroica, mais valiosa. A ideia até o entusiasmava. Ele planejara e executara o crime — imaginou, então — para progredir.

Na verdade não profissionalmente, por razoes financeiras, por exemplo, partindo do desejo de ter um Studebaker; e sim— essa era a palavra — para se tornar um homem mais essencial, mais profundo, segundo pressentia, então no limite de sua capacidade intelectual, digno das homenagens, do carinho de homens eruditos, estudados, como agora lhe pareciam — ate mesmo Pilet — aqueles magos de míticos tempos ancestrais, ele lera uma vez no *Reader's Digest*, magos que conheciam não só o segredo das estrelas, mas muito mais, o segredo da Justiça (ele entrava em êxtase com esta palavra), a qual ele em sua vida no ramo têxtil só conhecera como um obstáculo abstrato e que agora se erguia como um sol descomunal, incompreensível sobre seu horizonte limitado, como uma ideia não de todo concebida, que por isso lhe dava calafrios ainda mais fortes, fazia-o tremer.

E foi assim que ouviu, afinal, enquanto sorvia seu conhaque marrom-

dourado, primeiro admirado, depois cada vez mais indignado, as minúcias do gordo advogado de defesa, aquela empenhada tentativa de remetamorfosear seu fato em algo comum, burguês, cotidiano.

Fora com satisfação que ouvira o inventivo discurso do promotor público, expôs o senhor Kummer, levantando o pincenê das bochechas vermelhas e inchadas e falando em tom professoral, com discretos e elegantes gestos geométricos. Sim, era certo que o senhor Gygax estava morto, seu cliente sofrera nas mãos dele, vira crescer uma verdadeira animosidade contra aquele homem, tentara derrubá-lo, quem havia de contestar?

Algo que acontece com qualquer um. Fantástico apenas era querer tachar como assassinato aquela morte de um comerciante com complicações cardíacas (“Mas eu o assassinei!”, protestou Traps como se caísse das nuvens). Ao contrario do promotor público, Kummer considerava inocente o réu, incapaz mesmo de receber a culpa (Traps interrompendo-o, já irritado: “Mas eu sou culpado!”).

O representante geral do tecido Hefesto seria um exemplo para muitos. Se o classificava como inimputável, não era porque quisesse afirmar que estivesse isento de culpa — pelo contrário. Traps estava, isto sim, envolvido nas mais diferentes espécies de culpa: cometera adultério, trapaceara na vida, às vezes com certa perversidade, mas também não se podia dizer que sua vida se resumisse a adultério e trapaça; não, não, sua vida também tivera seus aspectos positivos, suas virtudes mesmo. O amigo Alfredo era diligente, obstinado, um amigo fiel dos seus amigos, tentando garantir para os filhos um futuro melhor, politicamente confiável, para tomarmos o homem no seu todo; apenas se deixara como que azedar, estragar-se levemente pelo incorreto — como aliás é o caso de muita vida mediana, ou haveria de ser o caso —, mas exatamente por isso não se podia atribuir a ele a grande, pura e orgulhosa culpa do crime evidente (Traps: “Calúnia! Pura calúnia”!).

Ele não era um criminoso, e sim uma vítima de seu tempo, do Ocidente, da civilização que... oh...(cada vez se tornando mais obscuro) perdeu a fé, o cristianismo, a noção do bem comum; tudo era caótico, de modo que nenhuma estrela-guia mais piscava para o individuo, surgindo como resultado a confusão, o embrutecimento, a lei do mais forte e a falta de uma verdadeira moralidade. O que acontecera agora? Aquele homem comum caíra totalmente desprevenido nas mãos de um promotor astuto. Seu modo despreocupado e instintivo de agir no ramo têxtil, sua vida privada, todas as aventuras de seu ser, que se compunha de viagens a trabalho, da luta pelo pão de cada dia e de divertimentos mais ou menos inofensivos, foram então examinados à luz, investigados, dissecados; fatos desconexos foram amarrados, um plano lógico foi fraudulentamente

inserido no conjunto dos fatos, incidentes apresentados como causas de ações que bem ou mal poderiam ter acontecido também de outra maneira, o casual revertido em intencional, o impensado transformado em propositado, de tal modo que, ao final, só haveria de sair mesmo um assassino do interrogatório, como coelhinho sai da cartola de um mágico (Traps: “Isso não é verdade!”).

Que olhassem o caso Gygax sóbria, objetivamente, sem se render às mistificações do promotor, e chegariam a um resultado em que o velho gângster devia a si mesmo a morte, à sua vida desregrada, à sua constituição física. A fadiga de todo empresário era suficientemente conhecida: agitação, alarido, casamento abalado e nervos; mas no infarto a culpa era, de fato, da rajada do Föhn, que Traps mencionara. O Föhn tinha um papel importante nos históricos de complicações cardíacas (Traps: “Ridículo!”), de modo que tudo não passara de um mero caso de azar. Claro que seu cliente agira inescrupulosamente, mas estava afinal submetido às leis da vida comercial, como ele mesmo várias vezes frisara. Claro que ele muitas vezes teria preferido matar o chefe — o que é que não pensamos, o que é que não passa pela nossa cabeça? Mas tudo em pensamento. Um ato além desse pensamento não estava disponível nem podia ser comprovado. Seria absurdo supor aquilo. Mais absurdo ainda, no entanto, se seu próprio cliente agora fantasiava ter cometido um assassinato, que tivesse logo em seguida à pane mecânica no automóvel sofrido uma segunda, uma pane mental.

E com isso ele, advogado de defesa, requisitava para Alfredo Traps a absolvição, *etc. etc.*

Cada vez mais irritava o representante geral aquela bem-intencionada névoa com que se cobria seu belo crime, na qual este se esgarçava, se dissolvia, tornando-se irreal, vago, um produto das condições barométricas. Traps se sentia subestimado, e assim continuou se debatendo, mal o advogado de defesa terminara seu discurso.

Explicou, indignado e levantando-se — na mão direita um prato com um novo pedaço de bolo, na esquerda seu copo de Roffignac — que gostaria de, antes que se proferisse a sentença, apenas uma vez mais reiterar que concordava com o discurso do promotor (nisso vieram-lhe lágrimas aos olhos), aquilo fora um assassinato, um assassinato consciente, agora estava claro para ele; o discurso do advogado de defesa, por sua vez, decepcionara-o profundamente, chegara mesmo a apavorá-lo, justamente dele esperara, acreditara poder esperar compreensão, e assim pedia agora a sentença, mais ainda, a pena; não para se esquivar, mas por entusiasmo, pois somente naquela noite é que se havia revelado a ele o que significava levar uma vida *verdadeira* (aqui o bom, o bravo Traps se embaraçou), para a qual de fato eram necessárias as ideias mais

elevadas de justiça, do crime e do castigo, como aqueles elementos e compostos químicos a partir dos quais se preparava seu tecido sintético para não sair de seu ramo, uma descoberta que o fazia renascer; em todo caso — seu vocabulário fora da profissão era um tanto precário, que o perdoassem se não conseguia expressar o que de fato queria dizer —, em todo caso, renascimento lhe parecia ser a expressão apropriada para a felicidade que agora o movia, envolvia, revolvia como o vento de uma tempestade.

E assim chegou então a sentença, que o pequeno e agora fortemente embriagado juiz anunciou em meio a gargalhadas, guinchos, hurras e tentativas de canto à tirolesa (pelo senhor Pilet), com muito esforço, pois não apenas subira no piano de cauda de canto (ou melhor, entrara nele, já que antes o havia aberto), mas também a fala lhe causava agora insistentes dificuldades. Tropeçava nas palavras, invertia ou misturava outras, começava frases que depois escapavam a seu controle, ligando-as a outras de cujo sentido já se esquecera, mas de modo geral seu raciocínio ainda podia ser adivinhado.

Começou por questionar quem teria razão, o promotor ou o advogado de defesa, se Traps teria cometido um dos mais extraordinários crimes do século ou se era inocente. Não podia concordar com nenhum dos pontos de vista. Se Traps não soubera fazer face ao interrogatório, como dizia seu defensor, e por isso confessara muita coisa que na verdade não acontecera daquela maneira, por outro lado havia, sim, assassinado; certamente não com uma intenção diabólica, não, mas porque se apropriara da insensatez do mundo no qual agora vivia como representante geral dos tecidos Hefesto. Matara porque para ele era a coisa mais natural tirar a ação de alguém, agir inescrupulosamente, acontecesse o que acontecesse. No mundo que ele atravessava a mil por hora em seu Studebaker, não teria acontecido nada ao caro Alfredo, se assim fosse possível; mas então ele fizera a gentileza de ir até eles, naquela tranquila mansão branca (e aqui o juiz foi ficando nebuloso, e o que expôs em seguida o fez senão em meio a soluços de satisfação, às vezes interrompidos por um espirro comovido, forte, quando sua cabeça pequenina era envolvida num grande lenço, o que provocava gargalhadas cada vez mais fortes dos outros). Traps fora até eles, quatro homens de idade avançada, que haviam iluminado seu mundo com o raio puro da Justiça, esta que certamente tinha suas características esquisitas, ele sabia, sabia, sabia disso, esta que sorria nos quatro rostos encarquilhados, refletia-se no monóculo de um promotor ancião, no pincenê de um defensor obeso, soltava risinhos na boca sem dentes de um juiz embriagado e já meio balbuciando, e brilhava vermelha na calva de um carrasco aposentado (os outros, impacientes, diante de todo aquele palavrório com veleidades poéticas: “A sentença! A sentença!”).

Uma justiça que era grotesca, extravagante, aposentada, mas que exatamente

por isso era *a* Justiça (os outros, ritmados: “Sentença! Sentença!”). E em nome dessa justiça ele condenava agora seu excelente, caríssimo Alfredo à morte (o promotor público, o advogado de defesa, o carrasco e Simone: “Hurra! Viva!; Traps, agora também soluçando de emoção: “Obrigado, caro juiz, obrigado!”, embora a pena só se apoiasse juridicamente no fato de o próprio condenado ter se declarado culpado.

Enfim, aquilo era o mais importante. Assim, alegrava-se de poder proferir uma sentença que o condenado reconhecia sem quaisquer ressalvas, não se ficava devendo misericórdia à dignidade humana, e que recebesse seu prezado hóspede a coroação do assassinato cometido, uma coroação que, assim esperava o juiz, acontecera em circunstâncias não menos agradáveis que o assassinato em si. O que, no caso do cidadão, do homem comum, se revelava como acaso, num acidente, ou como mera necessidade da natureza, como doença, como entupimento de um vaso sanguíneo numa embolia, como tumor maligno, aparecia ali como resultado necessário, moral; só ali é que a vida se consumava plena e logicamente como uma obra de arte, que a tragédia humana se tornava visível. Ela reluzia, assumia uma forma imaculada, concretizava-se (os outros: “Chega! Chega!”) — podia-se mesmo dizer com tranquilidade —, somente no ato do anúncio da sentença, que fazia do réu um condenado, é que se consagrava a espada da justiça; não podia haver nada mais elevado, mais nobre, mais grandioso que a condenação de um homem à morte.

Traps, aquele que talvez nem fosse um legitimo felizardo — uma vez que só lhe era permitida uma pena de morte sob certas condições, das quais ele no entanto deixaria de tratar, para não causar um decepção àquele caro amigo —, Alfredo Traps se lhes tornara agora um semelhante e digno de ser recebido naquele círculo como mais um jogador, *etc.* (os outros: “Manda o champanhe!”).

A noite alcançara seu ponto alto. O champanhe espumava, o contentamento dos homens ali reunidos era completo, arrebatador, fraternal, mesmo o advogado de defesa se via novamente envolvido na rede de simpatia. As velas com a chama pelo fim, algumas já minguadas, lá fora a primeira sensação da manhã, de estrelas apagadas, de sol nascente ao longe, frescor e orvalho.

Traps estava animado, mas ao mesmo tempo cansado, pediu que o levassem a seu quarto, foi cambaleando de peito em peito. Os homens só balbuciavam, estavam embriagados, fortes torpores enchiam o salão, discursos sem sentido, monólogos, já que ninguém mais queria ouvir o outro.

Cheiravam a vinho tinto e queijo, afagaram o representante geral nos cabelos, mimaram, beijaram o homem feliz, fatigado, que ali estava como uma criança rodeada por avós e tios. O careca taciturno levou-o para cima. Era custoso subir a escada, de quatro; no meio pararam, agarrados um ao outro, não

dava para continuar; seguiram de cócoras pelos degraus. De cima, através de uma janela, penetrava um estrelado alvorecer matinal, misturando-se ao branco das paredes de reboco; e, além disso, lá fora, os primeiros ruídos do dia que se formava, da distante estaçãozinha de trem vinham apitos e outros ruídos de manobras, como vagas recordações de viagem de retorno que perdera.

Traps estava feliz, sem desejar mais nada, como nunca se sentira em sua vida de pequeno-burguês. Imagens pálidas se erguiam, um rosto de menino, que bem podia ser seu caçula, o que mais amava; depois, na penumbra, o pequeno povoado a que chegara devido à sua pane, a faixa clara da rua, ondeando por sobre uma pequena elevação de terra, a colina com a igreja, o robusto carvalho com as folhas farfalhantes, com os anéis de ferro e as estacas de apoio, os morros coberto de mata, um céu sem fim iluminado por trás, por cima, por todas as partes, infinito.

Mas logo o careca desabou, murmurando “quero dormir, quero dormir, estou cansado, estou cansado”. E de fato adormeceu então, ouvindo apenas como Traps rastejava para subir, mais tarde uma cadeira sendo arrastada, o careca silencioso despertou nas escadas, por alguns segundos somente, ainda cheio de sonhos e lembranças de terrores soterrados e momentos cheios de pavor, então fez-se uma confusão de pernas em torno dele, do homem dormindo — os outros subiam as escadas.

Sobre a mesa, em meio a assobios e grasnadas, haviam enchido um pergaminho com a sentença de morte, extremamente vangloriosa, com expressões graciosas, chavões de academia, em latim e alemão arcaico, e então tinham saído, a fim de deixar o produto sobre a cama do representante geral, como agradável lembrança da gigantesca bebedeira, quando este acordasse. Lá fora, a claridade, o começo da manhã, os primeiros piados, agudos e impacientes, dos pássaros, e assim eles subiram a escada, saltaram sobre o careca, ali aconchegado. Um segurava o outro, um se apoiava no outro, cambaleando todos os três, não sem dificuldades, sobretudo na curva da escada, onde foram inevitáveis a aglomeração, o recuo, o novo avanço e o fracasso.

Finalmente estavam em frente à porta do quarto de hospedes. O juiz a abriu, porém o grupo festivo estancou atônito na soleira, o promotor público ainda com o guardanapo amarrado; da esquadria da janela pendia Traps, imóvel, uma silhueta escura diante da prata turva do céu, envolta pelo pesado perfume de rosas, de maneira tão definitiva e tão irrestrita que o promotor, em cujo monóculo se refletia a manhã cada vez mais poderosa, teve primeiro de apanhar um pouco de ar, antes de, perplexo e triste pelo amigo perdido, exclamar com verdadeira dor:

— Alfredo, meu bom Alfredo! O que passou pela sua cabeça, pelo amor de

Deus? Você esta mandando pros diabos a nossa mais bela tertúlia!

FIM

O Autor

Nasceu em 5 de janeiro de 1921, em Konolfingen, no Emmental, pequeno distrito de Berna, filho de pastor protestante. O avô era o político conservador Ulrich Dürrenmatt. A família se mudou para Berna em 1935. Dürrenmatt começou cursos de filosofia, língua e literatura alemãs na Universidade de Zurique em 1941, mas deixou-os após um semestre. Continuou os estudos na Universidade de Berna. Em 1943, decidiu tornar-se escritor e largou a universidade. Em 1945-46, escreveu sua primeira peça, *Es steht geschrieben*. Em 1947, casou-se com a atriz Lotti Geissler, que morreu em 1983. Casou-se novamente em 1984 com outra atriz, Charlotte Kerr.

Dürrenmatt jamais tomou posição política, defendendo pragmática filosofia de vida.

Morreu em 14 de dezembro de 1990 em Neuchâtel.

Um de seus principais bordões era: "Uma história não está terminada até que algo tenha dado extremamente errado".